



EVANGÉLICOS E POLÍTICA: ESTUDOS SOBRE ESPIRITUALIDADE E MOVIMENTOS SOCIAIS NA AMÉRICA LATINA¹

Marcelo Dantas da Silva Júnior²

Resenha de:

PANOTTO, Nicolás; RAMOS, Humberto; TOSTES, Angelica; CORAZZA, Delana; VAN ANDEL, Arianne; SOTO, Oscar. *Evangélicos e Política* - Estudos sobre Espiritualidade e Movimentos Sociais na América Latina. Santiago: Grupo de Estudios Multidisciplinarios sobre Religión e Incidencia Pública, 2023. 133p.

O livro “Evangélicos e Política - Estudos sobre espiritualidade e movimentos sociais na América Latina” publicado pelo *Grupo de Estudios Multidisciplinarios sobre Religión e Incidencia Pública*, discute a relação dos evangélicos progressistas, militantes e não militantes, e dos ativistas de esquerda com a política. A obra está muito bem escrita e dividida – utiliza seis capítulos para descrever a pesquisa – e, ainda que conte com um vocabulário rico e algumas terminologias específicas da fenomenologia da religião, consegue discorrer de tal forma que um leitor exógeno a este mundo, porém culto, conseguirá acompanhar a linha de raciocínio dos autores.

Os primeiros três capítulos preocupam-se em abordar questões importantes para uma obra acadêmica. O capítulo primeiro aduz uma breve apresentação dos pressupostos que circunscrevem o trabalho – a saber: (1) a existência de uma incoerência de voto presente entre os grupos evangélicos militantes na América Latina; (2) a priorização de pautas ligadas a um modelo de “ser cristão”, relegando para um segundo plano as questões sociais; (3) a existência de uma carência entre movimentos sociais em dialogar com os evangélicos.

O segundo capítulo articula os objetivos da obra: “Repensar o diálogo com os movimentos sociais sobre o potencial da religião como uma força propulsora para a mudança social” (p. 9). Além disso, objetivos específicos são traçados, como: a compreensão da importância das igrejas na vida diária dos trabalhadores, o entendimento do pensamento das pessoas de fé sobre as lutas sociais; como os movimentos sociais lidam com o tema da espiritualidade em suas comunidades; e, por fim, a construção de pontes entre militantes e pessoas de fé nas comunidades.

Em seguida, no capítulo três, explica-se a metodologia do trabalho. O estudo foi realizado em quatro países, Argentina, Brasil, Chile e Honduras, muito por conta da relevância do evangelicalismo nessas nações. A ordem metodológica foi dividida em: ordenamento dos entrevistados; em seguida, selecionou-se nove pessoas da cada país para a realização das

¹ Enviado em: 21.12.2023. Aceito em: 26.12.2023.

² E-mail: dantasteologizando@gmail.com.

entrevistas online (via Meet e Zoom); uma vez finalizada a etapa anterior, as entrevistas foram transcritas e os materiais foram coletados para uma sistematização cujo resultado levou à última etapa, o relatório final. Para fins de nomenclatura, dividiu-se os entrevistados em três perfis: Evangélicos/as militantes (EM) – evangélicos que articulam sua fé e sua militância a partir de uma perspectiva progressista; Evangélicos/as não militantes (ENM) – pessoas que vivem sua espiritualidade distantes de ações cuja interpretação pode ser uma “politização do ato da fé”; Militantes não religiosos (MNR) - ativistas de organizações populares e movimentos sociais que se definem como não religiosos.

A partir do capítulo quatro, a obra, de fato, é iniciada. Nesta fase, é apresentado ao leitor como o elemento religioso tem sido usado nas disputas políticas dentro da América Latina. É observado, ainda, como dentro da evolução da vida sociorreligiosa latino-americana, posições sociopolíticas progressistas tendem a estar mais próximas de temas como defesa dos pobres e direitos humanos quando se intenta realizar uma hermenêutica do entrelaçamento entre política e religião. Outro ponto salutar é como os autores fazem uma breve arqueologia da história da América Latina, destacando como sincretismos e sínteses culturais e religiosas forjaram a herança religiosa dos países latino-americanos. Além disso, eles lembram da inflexão no mundo da fé cristã, iniciada a partir dos anos de 1940, como resultado da transformação demográfica iniciada pelo processo de urbanização. Por fim, os autores destacam as reações negativas das igrejas aos movimentos marxistas e feministas após os anos de 1960, bem como o movimento em prol das “direitas” político-sociais após os anos 1980 e 1990.

O quinto capítulo é o coração do estudo. Nele, há uma divisão em onze tópicos cujo propósito é especificar as linhas de análise adotadas. No primeiro tópico, 5.1, tenta-se estabelecer uma diferença conceitual entre religião e espiritualidade. Para isso, o primeiro passo traçado pelos autores foi o de caracterizar o espaço religioso atual, lembrando a pluralização do campo religioso, os novos formatos de relação com o sagrado foram criados, as dimensões que perpassam o conflito inter-religioso, e como as religiões têm sido projetadas no espaço público. A conclusão que se chega é que a religião está muito mais vinculada à institucionalização, enquanto a espiritualidade é algo presente na vida de todas as pessoas.

No tópico 5.2, a discussão está no lugar da política dentro da religião. O entrelaçamento do político com o religioso é sintetizado na fala de Diego, um dos argentinos entrevistados cuja classificação é EM: “estou convencido de que por trás de todo projeto político existe um projeto teológico” (p.31). A frase é muito sintomática e expõe a inevitabilidade da relação entre as duas esferas. Por causa disso, é louvável a crítica dos autores aos setores da esquerda que enxergam, de forma simplista, os movimentos religiosos e, não poucas vezes, tecem análises ácidas sem compreender a profundidade do compromisso religioso e suas consequências práticas.

Em seguida, analisa-se como o prisma religioso enxerga os movimentos sociais. Curiosamente, os únicos evangélicos contidos nessa análise são os ENM. Dentro desse grupo, houve uma divisão: algumas possuem uma percepção despolitizada das organizações populares, mas, ainda assim, realizam ações benéficas em seus territórios; outros veem os movimentos sociais como mal cuja função é proporcionar divisão entre as pessoas.

Buscando uma contraparte, a seção 5.4, faz a leitura do fenômeno religioso na perspectiva dos movimentos sociais. Embora haja certa resistência por parte dos militantes, é interessante como

para eles há uma ambivalência da religião. O caso em Honduras, onde há mais igrejas evangélicas do que escolas nas comunidades rurais e na periferia da cidade - e que fazem valer dessa força para apoiar a ditadura vigente -, serve como argumento para alguns que veem a religião como opressora. Por outro lado, o apoio a vários movimentos populares durante os anos 1960 e 1970 e o próprio surgimento da Teologia da Libertação, são fundamentos importantes a favor do potencial libertador da religião. A grande conclusão do tópico é encontrada na fala da brasileira Leontina: “a religião tem tanto um potencial libertador, quanto opressor” (p.42).

Caminhando para a vida cotidiana das pessoas, o tópico 5.5 quis averiguar como a religião é performada no dia a dia das pessoas. Chama a atenção a incoerência na cosmovisão entre aquilo que é professado, em determinadas denominações, e o que é vivido fora do espaço de culto. Dois pontos podem ser destacados nessa seção. O primeiro é a ênfase de alguns em proclamar o equívoco associativo entre cristianismo e religião. Para esses, o cristianismo é um modo de viver e não tem ligação com o institucionalismo. O segundo é como o olhar bibliocêntrico é característico do discurso evangélico. Citações aos textos bíblicos, periodicamente, foram feitas pelos entrevistados, as quais realçam como a Bíblia faz parte da vida diária dos cristãos.

O tópico 5.6 busca entender o lugar dos direitos humanos na religião, em especial dentro do evangelicalismo. Uma triste constatação é feita ao se perceber que por mais que haja uma estreita ligação entre o tema dos direitos humanos com o mandamento bíblico de amar o próximo e compartilhar o que se tem, a preocupação moral acaba sendo superior à injustiça social para os evangélicos não militantes – ao contrário do que acontece com os EM. Embora, o tema da injustiça social seja importante, ele não ocupa o topo na lista de prioridades para ENM.

Como a Bíblia ocupa o imaginário basilar do evangélico, o tópico 5.7 adentra nas perspectivas hermenêuticas geradas a partir dela. Um ponto louvável é como para a grandiosíssima maioria dos evangélicos a Bíblia continua sendo Palavra de Deus. Entretanto, apenas uma pessoa reconheceu que ela também é, como Karl Barth afirmou, “palavra do homem”.³ Se há o esquecimento desse “detalhe”, ao menos, observa-se a limitação interpretativa dos leitores e estudiosos ao se depararem com o texto sagrado. Por um lado, todos os entrevistados reconhecem a diversidade de possíveis interpretações; por outro, afirmam que nem toda exegese é ‘correta’. Tendo isso em mente, os ENM utilizam pelo menos uma de três diretrizes interpretativas: “amor ao próximo e a compaixão”, o modo de “vida de Jesus/óculos de Jesus”, a “conexão com o Espírito Santo”, e também enfatizam o valor do estudo bíblico para se entender o contexto das passagens. Por outro lado, os EM fazem uma leitura crítica da Bíblia e ligam-na a causas políticas e coletivas.

Novamente anelando dar voz a todos lados, o tópico 5.8 procurou observar como os militantes sociais avaliam as Escrituras Sagradas. Inacreditavelmente, os movimentos progressistas ignoram a vitalidade da Bíblia para as classes trabalhadoras. Como diz a teóloga Angélica Torres, que acerta em cheio, “a Bíblia é o livro da classe trabalhadora” (p.78). A obliteração desse fato tem levado a erros crassos das organizações sociais e políticas em construir pontes com determinados segmentos evangélicos. Outro ponto importante, é que se por um lado há muitos militantes que não enxergam valor na Bíblia, por outro, há aqueles que possuem um olhar especial para o texto. Olham-no como um guia para a sua espiritualidade. Isso mostra como não há uma homogeneidade dentro da própria militância em relação às Escrituras Sagradas.

³ BARTH, Karl. *Palavra de Deus e Palavra do Homem*. São Paulo: Fonte Editorial, 2020.

Logo após, no tópico 5.9, dá-se um passo atrás na análise do pensamento teórico, e considera-se as camadas mais profundas dos discursos dos entrevistados. Em outras palavras, essa seção labuta para compreender as cosmovisões e ideologias sociopolíticas. Em relação a dois temas específicos, é possível evidenciar uma contradição significativa. O primeiro, está no alinhamento de muitas igrejas evangélicas com o discurso e as práticas neoliberais através de teologias nefastas, como a da prosperidade e da confissão positiva. A contradição ocorre porque tais teologias vão na contramão dos ensinamentos de desapego material e de compartilhamento de bens ministrados por Jesus. Obviamente, isso ocorre em regiões onde a ausência do Estado é mais visível. O segundo ponto é observado no racismo estrutural cuja presença ainda é sensível dentro das igrejas. Um exemplo disso é a própria imagem de Jesus – branco, loiro e europeu. Um Jesus preto é impensável pra muitos. Ademais, a própria noção de que o branco é belo e o preto é feio escancara como as igrejas refletem boa parte do pensamento da sociedade brasileira.

Para a penúltima seção do capítulo cinco, 5.10, reservou-se um dos assuntos da ordem do dia: a situação das mulheres nas igrejas. Na esteira da problemática, as pessoas autoras aproveitam para trazer à baila o tema do feminismo e a sua assimilação/rejeição dentro das comunidades cristãs. Num primeiro momento, mostra-se como existe uma heterogeneidade no acolhimento às mulheres agredidas pelos maridos. Enquanto algumas comunidades oferecem apoio e se colocam ao lado das vítimas, outras utilizam o discurso da “submissão da esposa ao marido” para camuflar e proteger a ação do agressor. Infelizmente, o patriarcado e o machismo ainda atuam fortemente em muitas comunidades. Por isso, a crítica feita pelos autores ao campo progressista, que não soube adaptar a linguagem de certas pautas feministas no diálogo com as comunidades evangélicas, é precisa, e torna-o, em certa medida, também responsável pela perpetuação dessas práticas. Entretanto, por mais que as igrejas ainda possuam hierarquias desumanizantes, é inegável o crescimento de críticas ao machismo, à violência contra as mulheres, e à falta de espaços de gestão para as mulheres. As soluções para esses problemas é que parecem caminhar lentamente.

O tópico 5.11 encerra o capítulo trazendo as tensões e dinâmicas entre movimentos sociais e religião. Se, por um lado, é possível haver uma confluência entre militância social, por outro, há muitas tensões. Como constatado, “a carga simbólica e o peso institucional da espiritualidade evangélica se deparam com os dilemas do acervo militante não crente” (p. 110). O fato de não haver uma concordância, ou coincidência, no campo teórico, acaba por reverberar na práxis.

O capítulo seis apresenta as conclusões da obra. Ambos, militantes e não militantes, buscam uma nova sociedade. Mais justa, melhor, mais igual, mais solidária. As particularidades de cada país reforçam a ideia de que, ainda que compartilhamentos de situações sejam observadas por toda a América Latina, cada território precisa de um projeto específico. Outro ponto reforçado é a separação entre religião e espiritualidade. O primeiro ligado a um aspecto mais institucional, o último a uma crença mais subjetiva. Também é reafirmada a postura crítica que a militância possui em relação a determinado pensamento evangélico hegemônico, embora não signifique, necessariamente, uma negação da expressão religiosa. Compreender essa crítica é vital se houver realmente a intenção de estabelecer diálogos com os setores evangélicos.

O livro acerta grandemente ao expor alguns dos problemas dialogais presentes na relação da militância social com o progressismo evangélico. As críticas são pertinentes e justas. A exposição das questões de gênero e o racismo dentro das comunidades de fé são alguns dos acertos mais valiosos da obra. Ademais, também é louvável o cuidado metodológico realizado pelos autores para

extrair as informações dos entrevistados. Entretanto, alguns pontos valiosos não foram muito bem desenvolvidos.

Parece haver certa associação, não muito justa, entre fundamentalismo e conservadorismo evangélico. Não ter ocorrido uma distinção em todo o livro é algo que pode ser corrigido em futuras revisões. Além disso, como o tema do livro é “evangélicos e política”, teria sido importante ter um escrutínio dos perfis, uma vez que EM são evangélicos progressistas, deveria existir um EC – Evangélicos Conservadores. Ainda que se possa alegar que os ENM seriam os conservadores, as próprias respostas nas entrevistas parecem refutar essa ideia.

Por fim, um dos temas tratados, “o papel das mulheres dentro da igreja”, aparenta criar uma equivocada assertiva de que os evangélicos conservadores, de uma forma geral, são contrários à ordenação feminina. Por exemplo, N. T. Wright, um dos principais acadêmicos da atualidade, teólogo anglicano conservador, posiciona-se a favor do pastorado feminino.⁴ Outro erudito, o pentecostal Gordon Fee, também conservador, participou de uma das principais obras acadêmicas a favor da participação feminina nas lideranças eclesiais.⁵ Recentemente, no Brasil, a conservadora Viktorya Zalewski lançou a obra “Mulher pode ser pastora?”, na qual se posiciona favorável a sua própria pergunta.⁶ Assim, tanto dentro como fora do Brasil, há posicionamentos bem claros de conservadores evangélicos defendendo a liderança feminina nas comunidades de fé. O campo conservador, assim como o progressista, não é homogêneo, e fundi-lo ao fundamentalismo não é correto.

Referências

BARTH, Karl. *Palavra de Deus e Palavra do Homem*. São Paulo: Fonte Editorial, 2020.

PIERCE, Ronald; WESTFALL, Cynthia. (Org.). *Discovering Biblical Equality: Biblical, Theological, Cultural, and Practical Perspectives*. Illinois: IVP Academic, 2021.

WRIGHT, Nicholas Thomas. *The Biblical Basis for Women’s Service in the Church*. Disponível em: https://www.cbeinternational.org/resource/biblical-basis-womens-service-church/?fbclid=PAAabL2cvFdc7zRux9U9xuKGbicBAIhmDOOsq5Dx2x_TnO8OpC6K6nVKbGTdQ. Acesso em: 15 de Dez. 2023.

ZALEWSKI, Viktorya. *Mulher pode ser pastora?* São Paulo: Thomas Nelson Brasil, 2023.

⁴ WRIGHT, Nicholas Thomas. *The Biblical Basis for Women’s Service in the Church*. Disponível em: https://www.cbeinternational.org/resource/biblical-basis-womens-service-church/?fbclid=PAAabL2cvFdc7zRux9U9xuKGbicBAIhmDOOsq5Dx2x_TnO8OpC6K6nVKbGTdQ. Acesso em: 15 de Dez. 2023.

⁵ PIERCE, Ronald; WESTFALL, Cynthia. (Org.). *Discovering Biblical Equality: Biblical, Theological, Cultural, and Practical Perspectives*. 3 ed. Illinois: IVP Academic, 2021.

⁶ ZALEWSKI, Viktorya. *Mulher pode ser pastora?* São Paulo: Thomas Nelson Brasil, 2023.